

um duelo sob o sol

Celso Lopes¹

O grito pra gente acudir o Divino lá no terreiro da Casa Grande chegou ainda com o solzinho da manhã. “Diacho de homenzarrão”, pois não devia de estar lá no corte da cana com os outros!?!... Que diabos o gigante fora fazer lá no terreirão da fazenda? Pra todos ali no batente do corte, o Divino era tal qual um gigante, entretanto, naquele dia, eu com os meus doze anos, fiz a comparação dele com a Santa Joana D’Arc!... Era tamanha a coragem do gigante que, devagarinho, surgiu-me na memória as palavras do Seo Marianinho, da catequese: A Santa Joana D’Arc tinha uma “Fé Inquebrantável!...”. Pra nós, do catecismo, essas palavras, quando ditas, causaram um rebuliço na imaginação: “Fé Inquebrantável”... E Seo Marianinho usava essa força mágica pra nos orientar, dizendo sempre que a Santa Joana D’Arc era movida pela fé, e fora com fé que aquela menina-mulher, nascida em Domrémi, na França, no ano de 1412, liderara o exército francês contra os ingleses.

Do Divino, que todos ali conheciam, diziam que lá pelos treze anos, ele cismara de ouvir uma voz, tal qual a que a Santa ouvira. Voz de quem Divino? De quem?... Ao que ele se entretinha a dizer que estava ouvindo, estava escutando, mas não sabia soletrar. Não entendia aquela voz estranha. Quando isso acontecia, assim ficava o Divino: meio que jogado num canto, ao pé da árvore, até que o “surto” passasse. Digo “surto” porque o Divino era medicado com o tal do Gardenal, remédio indicado pra quem “sofria dos nervos” – diziam. Por isso, em se tratando do gigante, nós, os meninos, apenas dizíamos: “Ah! é o Divino, de novo!... Deixa ele, logo passa!”.

E o Divino era assim: o que tinha de estranho, e de grandalhão, tinha de bom, era a bondade em pessoa. Ajudava sempre a quem precisasse. Buscava água, enxotava os marimbondos, afiava as enxadas e os facões. Um dia veio lá o Divino, com aquele seu vozeirão de trovoada, recitando um palavrório desconexo. Da sua boca saía aquela sonoridade impulsiva e estranha: “as palavras são obras de Deus... mas são também obras de um demo; não vê lá quando eu digo “iscumungado”... E “iscumungado” não tem uma parte com o coisa-ruim? Ora, se tem!... E não é “iscumungado” quem me aprepara a degola?! (*).

Instantes depois, aquietava-se o Divino. Quietinho como um cordeirinho de Deus a sentir na própria pele a punição pelo deslize cometido. E assim, em instantes, retornava com o facão ágil e forte de volta à lida. Naquele dia, sem que se soubesse o porquê, Divino largara o corte, ainda bem cedinho, e escapulira rumo à Casa Grande. Alguns juravam que ouviram da boca do Divino, “que hoje era um dia de

¹ Celso Lopes é natural de Guará, interior do estado de São Paulo e está radicado na capital paulista há vários anos. Tem formação em Letras (USP) e Pós em Literatura Brasileira (UNICID). Eventualmente atua na área de comunicação corporativa. Publicações: *Pedra na contraluz*, *Dias contados* (Contos); *A inquietude íntima das Ostras* (Poesias); *O pulo do rato e outros relatos* (Crônicas). E-mail: elipse84@terra.com.br. Contato: celsolopesescritor.blogspot.com.br.

Libertação”. Mas, ninguém ali botava tanta fé no atarantado Divino. E nós, ainda crianças, a gente trucidava, alegremente: Nem te ligo, gigante!... Nem te ligo!... No entanto, fosse o dia da voz de Deus ou de um grito rouco do Diabo, o certo é que o Divino, como uma ovelha desgarrada à procura de outros campos verdejantes, preparou-nos todas as letras naquela estranha manhã, com as tintas vermelhas do sangue.

Ao aviso, corremos todos pro terreirão!... Já era possível ver o Divino lá no alto da Colheitadeira de grãos; aquele maquinário imenso e colossal que acabara de chegar na fazenda havia três dias. Era um maquinário moderno e novo por ali, e por isso ainda causava estranheza naqueles campos de cultivo... Lá em cima, sob o sol escaldante, luminoso, víamos nas mãos do Divino, alguma coisa que muito bem não se via. Uma arma? Uma foice? Um facão?...

O Divino parecia fazer uns passos de ataque e defesa, subindo, pulando, jogando as pernas, avançando e recuando, e de tempo em tempo, insistindo nos gestos de bater forte num lombo sem dó nem piedade!... E bater em quem? No invisível?... Divino arriscava passadas longas e a gente enxergava o Divino cada vez mais alto... Ele, o gigante, pé por pé, apoiando-se no contorno das ferragens, procurando alcançar o topo como quem subisse às nuvens para alcançar o céu. Da sua boca, ouvíamos aquela conhecida sonoridade grave, tonitruante: “- O que farão sem os montes de ferros?!... Terei fim, mas o espaço, não!... A luta, não!... A sorte está jogada, mas jogada por mim!...” (*). Quem há de saber, se ouvíamos aquilo ou se inventamos?

Nenhum de nós confiava tanto no que se passava ali no terreirão. O Divino, lá no alto, parecia ganhar uns jeitos outros, assim meio espevitado, assim como um guerreiro ousado e sanguinário.... ou a gente via, via?... Nas mãos do Divino, o que antes um facão, a foice, agora mais parecia um aríete potente, impiedoso, não fosse apenas um cabo de enxada aparado. Forte. Feito à mão, liso!... E Divino, o gigante, um porta-estandarte, um guardião rodopiando em pleno ato, tendo nas mãos uma longa espada de prata a trespassar a carapaça dura daquela sua montaria – a Colhedeira, a Colheitadeira de grãos. Ele, Divino, o enviado dos deuses, com a sua fé inquebrantável, subira ao céu pra combater o inferno na terra: a Colheitadeira, a Colhedeira de grãos!...

Em silêncio, entreolhávamo-nos, todos. Dona Felicidade, a turmeira mais velha, de terço na mão, rogou-nos a oferenda de uma Salve-Rainha, Mãe da Misericórdia... Divino, lá no alto, os braços abertos em cruz, a nos indicar o alvo com a sonoridade potente de um grito: “Se houvesse inferno, haveria de ser para reis e poderosos que se sustentam do trabalho alheio” (*).

O vozerio profético do Divino ecoava com endereço certo, pois todos ali, os boias-frias, temiam que o maquinário lhes arrancasse o emprego e o pão nosso de cada dia. Então, como numa guerra, um duelo de vida e morte sob o sol, Divino arvorou-se contra o demônio, contra o descomunal, contra o portentoso. Na sua mão, o punhal, o cabo da enxada, o aríete, o varapau, prontos a atingir e a deitar por terra, quem por ventura lhe roubasse o ganha-pão, o salário, o brio, o orgulho, a honra e o sustento da própria vida. Nossos olhares, como fossem um só, rodearam imobilizados a Colheitadeira. Lá em cima, banhado pela luz do sol, Divino expunha-nos as suas chagas vivas. O maquinário gigante, o lobo vencedor, bravamente, resistira aos ataques insanos da sua fúria. Divino, no alto, curvado sobre uma abóbada de ferros, preso às pontas das ferragens, atingia uma angulação

dolorida em nossos olhos. Ali, a gente toda sabia quem era o boia-fria Divino em seus delírios. No entanto, lá em cima, trespassado pelos ferros da Colhedeira, de onde respingavam incessantes gotas de sangue, aprendíamos a ver e a olhar o astuto lobo metálico, de onde os homens do canavial, a duras penas, tentavam alcançar o Divino, para retirá-lo das farpas traiçoeiras e pontiagudas que o perfuraram até a morte.

(*) Referência incidental:

GALEANO, Eduardo. *Canção da Nossa Gente*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.